UM RISCO PARA A HISTÓRIA: NORMALIZAÇÃO, REVISIONISMO E REACIONARISMO

Felipe Cittolin Abal ¹

Resumo: Este artigo trata do uso da História como ferramenta para a normalização de determinados conceitos e acontecimentos históricos, como o nazismo ou o fascismo, usando a metapolítica, conceito oriundo da chamada nova direita. Por meio da análise de alguns discursos políticos, busca-se verificar o uso de “pequenas verdades” para operar revisionismos históricos e trazer ao debate público certos argumentos, legitimando-os e operando no campo ideológico com fins de normalizar determinados pensamentos e, ao mesmo tempo, atacar ideias e ideologias opostas. O uso da História como campo de disputa não é novo, porém, cabe aos historiadores cumprir seu papel de defender esse campo do conhecimento contra os constantes ataques que vem sofrendo no Brasil e em outros países do mundo.

Palavras-chave: História; Normalização; Nova direita.

A RISK TO HISTORY: STANDARDIZATION, REVISIONISM AND REACTIONARISM

Abstract: This article addresses the use of History as a tool for the standardization of certain historical concepts and events, such as Nazism or Fascism, using metapolitics, a concept that stems from the so-called new right-wing. Through the analysis of some political discourses, we seek to examine the use of small truths to make historical revisionism and bring certain arguments to the public debate, legitimizing them and operating in the ideological field in order to standardize certain thoughts and, at the same time, attack opposing ideas and ideologies. The use of History as a controversy field is not new, but it is up to historians to play their role of safeguarding this field of knowledge against the continued attacks under which it has been in Brazil and in other countries of the world.

Keyword: History; Standardization; New right-wing.

UN RIESGO PARA LA HISTORIA: ESTANDARIZACIÓN, REVISIONISMO Y REACCIONARISMO

Abstract: Este artículo aborda el uso de la Historia como herramienta para la estandarización de ciertos conceptos y eventos históricos, como el nazismo o el fascismo, utilizando la metapolítica, un concepto que se deriva de la llamada nueva derecha. A través del análisis de algunos discursos políticos, se busca examinar el uso de pequeñas verdades para hacer revisionismo histórico y llevar ciertos argumentos

¹ Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bacharel em Direito e Mestre em História pela mesma instituição. Professor no Programa de Pós-Graduação em História da UPF. <http://lattes.cnpq.br/2584975972936590>

al debate público, legitimándolos y operando en el campo ideológico para estandarizar ciertos pensamientos y, al mismo tiempo, atacan ideas e ideologías opuestas. El uso de la Historia como campo de disputa no es nuevo, pero los historiadores deben desempeñar su papel de defender este campo del conocimiento contra los constantes ataques bajo los cuales ha estado en Brasil y en otros países del mundo.

Keyword: Historia; Estandarización; Nueva derecha.

Considerações iniciais

O fato da História, como área do conhecimento, sofrer constantes ataques no Brasil não é novidade. Continuamente, ouvimos discursos políticos no sentido de minimizar o conteúdo proveniente das ciências humanas e sociais em prol de proporcionar maior atenção a outros ramos, uma vez que estes viriam ao encontro de uma maior rentabilidade, além de aumentar a possibilidade dos estudantes ingressarem no mercado de trabalho.

Obviamente, esses discursos reduzem a educação a um mero instrumento econômico que teria por objetivo produzir mais e melhores trabalhadores, detentores de um conhecimento técnico que os torne aptos a melhor servir aos interesses do capital. Todo o sentido emancipatório e crítico da educação, especialmente aquele vinculado a disciplinas como sociologia, filosofia e, é claro, a História, deve ser deixado de lado, uma vez que seria inútil, ou seja, desinteressante para aqueles que desejam e necessitam de uma massa acrítica e mais facilmente manipulável.

Este artigo, porém, não tem o intuito de meramente repetir tais constatações, que acreditamos serem de conhecimento geral, mas busca alertar sobre outros aspectos desses discursos, cujo propósito é desinformar e, principalmente, normalizar certos conceitos e acontecimentos históricos, com o potencial de acarretar gigantescos danos. Para isso, enfocamos um acontecimento em especial: o nazismo.

Não se trata de conferir à História um papel messiânico de salvadora, como se, por si, o conhecimento histórico fosse capaz de evitar que tragédias do passado possam repetir-se. Aliás, se existe um fato que aprendemos ao estudar História é que ela se repete, apesar de todos os avisos, como já dito na famosa frase de Marx: “primeiro como tragédia, depois como farsa”².

Também não é nosso objetivo inculcar a alguém a pecha de nazista ou de apologista do nazismo. Entendemos que a banalização do termo, invocando o mal absoluto, não é salutar ou positiva, mas, na maioria das vezes, meramente retórica. O que importa é trazer à baila como se produz no Brasil, especialmente por parte de um alto escalão da política brasileira (presidência e ministérios, em especial), uma normalização do nazismo que pode ter efeitos nefastos, além de ressaltar o papel dos historiadores, bem como das universidades, no combate a tal normalização.

Se podemos fazer referência a algum momento histórico de interesse, não seria o nazismo ou o fascismo em si, mas os momentos anteriores a esses fenômenos, durante os quais determinados pensamentos, termos e concepções de mundo foram normalizados para, posteriormente, ser efetivados.

A normalização

O ponto de partida para a compreensão do núcleo deste artigo é expor, mesmo que sucintamente, o que entendemos por uma normalização e quais são seus objetivos. Primeiro, o que é tido como “normal” não tem um juízo de valor, obrigatoriamente. Condições normais de funcionamento, normalidade ou normalização, por exemplo, designam simplesmente algo que acontece do modo esperado. Dizer que as instituições estão funcionando dentro da normalidade não significa que elas estejam operando bem, mas

² MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25.

somente que estão atuando dentro daquilo que é esperado. Da mesma forma, o anormal é algo que destoa do óbvio, surpreende e, apesar do termo comumente ser empregado em sentido negativo, também não tem necessariamente um juízo de valor.

A grande questão envolvendo a chamada normalidade é que, no nível do discurso, o termo e suas derivações operam no sentido de tornar algo aceitável, ocultando toda uma gama de possíveis efeitos de tal normalidade. Como referido, alegar que um tribunal funciona normalmente pode trazer a ideia de que seus funcionários estão trabalhando nos horários corretos, que os processos estão sendo movimentados, que os julgadores estão desempenhando corretamente seu papel. Por outro lado, poder-se-ia denotar da afirmação que esse tribunal opera da maneira tradicional no sistema judiciário brasileiro, servindo para criminalizar uma parcela da população e, por vezes, chancelando atitudes violentas e arbitrárias do Estado. Existe, portanto, uma função ideológica da normalização³.

Em nosso atual sistema político/econômico, percebemos continuamente a operação da ideologia e da normalização no sentido de ocultar o funcionamento de determinadas estruturas e dificultar um olhar crítico sobre o andamento de diversos aspectos da vida.

A passagem de um pensamento, raciocínio ou ato tido como anormal para a normalidade envolve, assim, um processo de normalização, de aceitação acrítica de tal fato. Esse processo, por sua vez, não tem um objetivo pernicioso intrínseco, uma vez que está presente em importantes e necessárias vicissitudes sociais e culturais no que diz respeito, por exemplo, ao comportamento de natureza sexual dos indivíduos (orientação sexual, sexo antes do casamento, emancipação feminina etc.).

³ ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem*: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Por outro lado, na História, temos inúmeros exemplos de uso negativo do processo de normalização, o que acabou por gerar efeitos negativos. A normalização do antissemitismo na Alemanha nazista, do racismo nos Estados Unidos da América (EUA) durante a vigência das leis de Jim Crow, entre outros exemplos, redundou em sistemas de exclusão, violência e morte para uma camada da sociedade. Evidentemente, não se trata de um fator único, mas pensamos tratar-se de uma questão fundamental a ser levada em conta.

É necessário debater, por exemplo, como décadas de Guerra Fria e anticomunismo nos EUA, somadas a políticas racistas então aceitas, ajudaram a tornar viáveis na atualidade movimentos assumidamente neonazistas (em maior ou menor grau), que crescem ano após ano⁴, ao passo que o Partido Comunista Norte-Americano (Party of Communists USA [PCUSA]), apesar do aumento de seu número de filiados nos últimos anos, contava com apenas 5 mil membros em 2017⁵.

Entendemos que, ao menos em parte, a normalização do racismo e do nazismo, bem como o fato de ideologias não correlatas (comunismo) se tornarem anormais, apresenta impactos no surgimento de grupos de ódio e no aumento de movimentos neonazistas. Além disso, a narrativa da normalização se mostra uma ferramenta usual da chamada *nova direita*:

Mais do que simplesmente anticomunista, a nova direita flerta com ideias do nazifascismo e, consciente ou inconscientemente, contribui para normalizá-las. Quando são criticados por esses aspectos se refugiam em questões de “liberdade de expressão” e de uma suposta “hegemonia da esquerda”. Por inépcia ou intenção fazem com que os piores pesadelos da humanidade voltem à pauta, devidamente legitimados⁶.

⁴ SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. *The year in hate: rage against change*. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2019/year-hate-rage-against-change>. Acesso em: 12 ago. 2019.

⁵ GÓMEZ, Sergio Alejandro. *Communist Party membership numbers climbing in the Trump era*. 2017. Disponível em: <https://www.peoplesworld.org/article/communist-party-membership-numbers-climbing-in-the-trump-era/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

⁶ CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, E. G. (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 37.

A nova direita (*nouvelle droite*), que surgiu no final da década de 1960, na França, mais focada em questões culturais, tem encontrado terreno fértil para a expansão de suas ideias em vários países, inclusive no Brasil, onde se vê uma grande quantidade de discursos e afirmações nas linhas popularizadas por nomes como Steve Bannon, envolvendo a normalização de determinados pensamentos e a negação histórica de pontos consensuais entre os historiadores.

Esse processo de normalização envolve o que é denominado *metapolítica* por pensadores dessa nova direita, uma estratégia baseada no pensamento de Antonio Gramsci de que a hegemonia ideológica seria uma pré-condição para a vitória política, ou seja, agir de baixo para cima, atuar culturalmente a partir de um panorama inferior com o propósito de atingir o panorama político superior. Nesse sentido, figuras como Alain de Benoist e Guillaume Faye⁷, por exemplo, enfocaram a questão da metapolítica tendo em vista que a política parlamentar e o ativismo de rua só poderiam chegar a consequências imediatas, assim, deve-se primeiro trabalhar no campo das ideias, disseminando-as, para poder moldar a sociedade⁸. Passemos a visualizar alguns exemplos que devem servir de alerta para o Brasil.

A normalização do nazismo

A relação entre o processo de normalização e a História decorre do fato de que, com frequência, ela é utilizada de modo deturpado ou é revisada ideologicamente para embasar aquilo que se pretende realizar. Assim, a primeira vítima da normalização é a História, campo do conhecimento

⁷ Para mais informações sobre os citados ver: SEDGWICK, Mark (Org.). *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

⁸ CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the new right. In: SEDGWICK, Mark (Org.). *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 74-75.

atacado e distorcido para o alcance dos fins daqueles que almejam tornar determinado acontecimento “normal”.

Denota-se, nesse sentido, um forte vínculo entre a questão da normalização aqui levantada e os movimentos revisionistas e negacionistas de matérias históricas, já que, para efetivar a normalização, é comum recorrer a “pequenas verdades” históricas, junto com uma grande deturpação de fatos e leituras descontextualizadas e/ou anacrônicas, de modo a conferir credibilidade às afirmações e, assim, normalizar certo acontecimento histórico.

Para ilustrar o contexto brasileiro, trazemos o caso de uma pessoa em posição de destaque na política brasileira atual: Abraham Weintraub, Ministro da Educação. Reiteramos que não se trata de afirmar, aqui, que houve qualquer tipo de apologia ao nazismo, mas apenas de verificar determinados pontos do discurso à luz do conhecimento histórico.

Em 1º de agosto de 2019, esse ministro concedeu uma entrevista à rádio Jovem Pan na qual, em determinado momento, afirmou:

A aspirina foi feita pelos nazistas. E eu uso aspirina porque funciona⁹.

Não se trata de mero equívoco quanto à história do medicamento, produzido pela primeira vez em 1897, pelo Dr. Felix Hoffmann, químico da Bayer. O que deve saltar aos olhos é a questão de que se pode extrair dessa frase, com facilidade, a afirmação de que coisas positivas advieram do nazismo, não o justificando, mas inserindo um componente proveitoso no regime que ocasionou o pior acontecimento do século XX.

Dois dias depois, em virtude das repercussões negativas de sua afirmação, Abraham Weintraub se pronunciou no *Twitter* em uma sequência, colocando que:

⁹ WEINTRAUB, Abraham. Abraham Weintraub – *Morning Show* – 01/08/19. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MU887DkFIXE>. Acesso em: 21 fev. 2020.

Aspirina/Bayer, Fusca/Porsche, BMW, Henry Ford ou a música de Wagner, são bons para o consumidor, porém, estão sim ligados ao nazismo [...] a Aspirina foi um dos primeiros sucessos da Bayer. Empresa e donos doaram rios de dinheiro para a eleição de Hitler. Depois ganharam contratos bilionários do governo Nazista (lembra alguém?). Durante a II Guerra, produziram o Ziklon-B (sic), usado nas câmaras de gás [...] Eu uso Aspirina e escuto Wagner (nunca escutei enquanto meus avós paternos eram vivos, eles foram para os campos de concentração que amigos do PT negam ter existido). Bayer pediu desculpas. Tenho amigos alemães e descendentes. Alemães também sofreram com o Nazismo¹⁰.

Nesse exemplo, constatamos alegações confusas que misturam anacronismos, fatos, discurso político e normalização, em um longo vai e volta. Primeiro, temos uma assertiva sobre fatores positivos advindos de empresas com ligações com o nazismo, como se, de alguma maneira, a existência de certos automóveis ou da própria aspirina fossem decorrentes do nazismo. Na sequência, surge uma crítica às relações entre as companhias e o próprio Adolf Hitler para, então, regressar ao ponto positivo dos resultados e misturar, inclusive, uma alegação de que pessoas ligadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) supostamente negariam a existência dos campos de concentração.

Passamos ao largo dos equívocos factuais e da miscelânea de ideias para nos fixar no foco deste artigo. Denota-se das afirmações do ministro uma normalização do nazismo. Tratar-se-ia, sim, de um acontecimento ruim, porém, coisas boas derivaram disso, deve-se aceitar o pedido de desculpas da Bayer e aproveitar até hoje os avanços obtidos, como se isso ocorresse graças ao nazismo ou seus apoiadores. Se temos aspirina e Fusca, devemos agradecer aos nazistas...

É notória a ligação entre diversas empresas e o nazismo, desde as citadas Bayer, Porsche e Volkswagen até Hugo Boss, Siemens e BASF, entre outras. Ocorre que não se fala que a ligação de empresas com regimes autoritários e sanguinários não é uma exclusividade do nazismo, uma vez que,

¹⁰ WEINTRAUB, Abraham. [S.l.], 3 ago. 2019b. Twitter: @AbrahamWeint. Disponível em: <https://twitter.com/abrahamweint/status/1157728768364097536>. Acesso em: 10 nov. 2019.

no capitalismo, o objetivo é a obtenção do lucro. Diversas empresas, como a própria Volkswagen, também colaboraram com a ditadura militar brasileira, segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), enquanto outras, como a Dow Chemical, manufaturaram o napalm, que foi utilizado indiscriminadamente contra civis durante a Guerra do Vietnã. Não seria o caso, portanto, de ressaltar esse elo pernicioso entre empresas e regimes autoritários ou massacres de civis, mas de normalizar o próprio nazismo.

Utilizar, de modo descontextualizado, argumentos de que determinados avanços foram obtidos em virtude do nazismo equivale, em certa medida, a justificar o ocorrido e normalizar o próprio sentido desse fenômeno. A partir da lógica adotada, em grande medida contrária ao conhecimento histórico, seria possível argumentar que, para a obtenção de certo desenvolvimento científico, determinadas ações criminosas seriam válidas.

Essa forma de expor um fato se vale, como citado, de uma tática recorrente da chamada nova direita: colocar uma “pequena verdade” e ao redor dela construir uma narrativa com fins de normalização do discurso ou de patologização do pensamento de esquerda, gerando um revisionismo histórico que ficará ainda mais claro na sequência.

Antes de partir para o próximo tópico, fazendo um *link*, cabe destacar dois pontos das manifestações do ministro no *Twitter*. O primeiro, exposto acima, de que pessoas próximas ao PT negariam a existência de campos de concentração nazistas, sem qualquer apontamento de fonte e sem indicar quem seriam tais negacionistas.

Sabemos que a questão do negacionismo do genocídio judeu cometido pelos nazistas é séria e continua sendo um campo de disputa em virtude de figuras como Siegfried Ellwanger Castan, no Brasil, e David Irving, na Inglaterra, por exemplo. Acusar partidários do PT de negacionismo, porém, não tem o intuito de rebater os revisionistas inominados, mas de ligar o referido partido ao nazismo, outra tática comum e problemática.

Essa união entre “pequenas verdades” e incorreções históricas e a mistura de normalização com o uso da História para atingir seus inimigos também surgem em outro tuíte de Weintraub:

Esquerda/direita são da Rev. Francesa. Esquerda defendia indivíduos/famílias, direita rei/poderosos. Eu sentaria à esquerda e PT à direita. Prefiro analisar liberdades indivíduo/família (sic) versus coletivismo/totalitário. Comunismo e nazismo são totalitários SIM!¹¹

Veja-se, novamente: uma “pequena verdade” relativa à Revolução Francesa (o uso dos termos remonta a esse acontecimento) se une a uma rasa simplificação sobre os posicionamentos de esquerda e direita à época do fato histórico para um ataque ao PT, finalizando com uma relação entre comunismo e nazismo, colocados como semelhantes. Após um fato correto se seguem diversas deturpações da História. Mais uma vez, uma tática pode redundar em impactos extremamente negativos.

O nazismo foi um movimento de esquerda (então, por que só o nazismo é proibido?)

Como expusemos até aqui, a História se converte em campo de disputa que se tenta ocupar por meio de “pílulas de verdade”, deturpando fatos e sentidos com fins políticos. Decerto, não se trata de novidade, já que o uso de fatos históricos de modo falso, equivocado ou falacioso é típico de movimentos ufanistas e chauvinistas. Mesmo assim, não se trata de algo que possa ser deixado de lado, pois constitui um risco para a própria História.

Outro tipo de revisionismo e normalização é operado por meio do discurso cada vez mais presente de que o nazismo seria um fenômeno de esquerda. Uma das figuras mais proeminentes no atual Poder Executivo que

¹¹ WEINTRAUB, Abraham. [S.l.], 3 ago. 2019c. Twitter: @AbrahamWeint. Disponível em: <https://twitter.com/abrahamweint/status/1157738272824733696>. Acesso em: 10 nov. 2019.

emprega tal afirmação é Ernesto Araújo, Ministro das Relações Exteriores, que já publicou em seu *blog* um texto em que diz:

A esquerda fica apavorada cada vez que ressurge o debate sobre a possibilidade de classificar o nazismo como movimento de esquerda. Dá a impressão de que existe aí um perigoso segredo de família, cuidadosamente guardado. Eu opinei que o nazismo é de esquerda, e imediatamente a esquerda (junto com o *mainstream* por ela dominado sem o saber) chegou correndo com seus extintores de incêndio, ou melhor, seus extintores de verdade, tentando apagar essa ideia¹².

Essa afirmação, replicada no Brasil por outros políticos, inclusive o atual presidente, ressoou em outros países, gerando réplicas de historiadores, políticos e especialistas alemães e israelenses no sentido de que o nazismo foi um movimento de extrema direita^{13,14}.

Rebatendo rapidamente essa afirmação do ministro, por meio do pensamento do filósofo político Norberto Bobbio, que não pode ser acusado de defender o marxismo, constata-se que a extrema-esquerda concentra movimentos igualitários e autoritários, a centro-esquerda reúne movimentos igualitários e libertários, a centro-direita consiste em movimentos libertários e inigualitários e a extrema-direita se caracteriza por movimentos antiliberais e anti-igualitários, sendo exemplos desta última os movimentos fascista e nazista¹⁵.

Some-se a isso a defesa intransigente de Adolf Hitler da propriedade privada. A antipatia da burguesia se devia ao fato dele não ter sido aceito

¹² ARAÚJO, Ernesto. *Pela aliança liberal-conservadora*. 2019. Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/blog/pela-alianca-liberal-conservadora>. Acesso em: 20 ago. 2019.

¹³ DEUTSCHE WELLE. *Brasileiros criam debate que não existe na Alemanha*. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-criam-debate-que-nao-existe-na-alemanha/a-45531446>. Acesso em: 20 ago. 2019.

¹⁴ QUERO, Caio. *Nazismo é de direita, define Museu do Holocausto visitado por Bolsonaro em Israel*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47784368>. Acesso em: 20 ago. 2019.

¹⁵ BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998, p. 119.

nos altos círculos alemães e não a uma oposição voraz ao capitalismo¹⁶. Havia uma forte ligação do nazismo com empresas privadas, ataques dos nazistas aos sindicatos¹⁷, uma grande onda de privatizações realizadas durante o período do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei [NSDAP]) no poder¹⁸ e um forte anticomunismo por parte de Hitler, exposto por ele próprio:

A doutrina judaica do marxismo repele o princípio aristocrático na natureza. Contra o privilégio eterno do poder e da força do indivíduo levanta o poder das massas e o peso morto do número. Nega o valor do indivíduo, combate a importância das nacionalidades e das raças, anulando assim na humanidade a razão de sua existência e de sua cultura. Por essa maneira de encarar o universo, conduziria a humanidade a abandonar qualquer noção de ordem. E como nesse grande organismo, só o caos poderia resultar da aplicação desses princípios, a ruína seria o desfecho final para todos os habitantes da Terra.

Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana e, então, o planeta vazio de homens, mais uma vez, como há milhões de anos, errará pelo éter.

A natureza sempre se vingará inexoravelmente de todas as usurpações contra o seu domínio.

Por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador Onipotente.

Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus¹⁹.

Dessa forma, mesmo que muito sucintamente, observa-se como o discurso de que o nazismo seria um movimento de esquerda é completamente equivocado diante de uma análise histórica minimamente rigorosa. Mas esse, claro, não é o ponto para quem adota tal discurso. A questão se situa nos campos da retórica e da História para alcançar fins políticos.

¹⁶ KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁷ SHIRER, William L. *The rise and fall of the Third Reich: a history of Nazi Germany*. New York: Simon & Schuster, 1990.

¹⁸ BEL, Germà. Against the mainstream: Nazi privatization in 1930s Germany. *The Economic History Review*, London, v. 63, n. 1, p. 34-55, 2010.

¹⁹ HITLER, Adolf. *Minha luta*. Disponível em: <http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/08/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

Seja recorrendo a “pequenas verdades” (o regime nazista, totalitário, utilizava amplamente a máquina estatal, uma prova de que não seria de direita) ou a falsas relações (o partido nazista se chamava “nacional socialista”), a questão consiste em jogar para a esquerda tudo aquilo que é visto como negativo, ressaltando uma pureza moral da direita (que seria a protetora da economia e dos costumes).

Retornando ao foco deste artigo, temos outro subproduto desse discurso: a normalização do nazismo. Ora, se tivemos governos tidos como socialistas no Brasil, na Argentina, na Bolívia e no Uruguai, entre outros países, por que não seria viável pensar em um governo nazista? E mais: se existem diversas pessoas que se colocam no espectro político da esquerda, o que impediria alguém de apresentar-se como abertamente nazista ou de defender as políticas nazistas?

Trata-se, portanto, de uma normalização. A esquerda, apesar de ser tratada como uma perigosa inimiga, é normal, existente, encontra-se presente no debate político nacional, dessa forma, seria possível vislumbrar algo idêntico no que diz respeito ao nacional-socialismo, uma vez que também seria uma ideologia de esquerda.

Talvez se possa argumentar que o caso é exatamente o oposto, que se trata de anormalizar as ideologias de esquerda ou, como já exposto, gerar um processo de patologização. Ocorre que, de toda forma, por um simples processo lógico, denota-se que é uma via de mão dupla. Ao comparar uma corrente política com a outra, é possível tanto normalizar aquela que se encontra à margem quanto demonizar aquela que é aceita – vide discurso de Donald Trump após os acontecimentos em Charlottesville, no qual ele compara grupos antifa (antifascistas) e neonazistas²⁰ –, sendo mais plausível e corrente a primeira hipótese.

²⁰ O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO – G1. “Há culpa dos dois lados”, diz Trump sobre violência em Charlottesville. 15 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ha->

Quanto à aproximação entre a negação e a normalização, podemos recorrer às palavras de Luis Milman sobre o negacionismo histórico ligado ao holocausto:

Dadas as suas características de dissimulação histórica e as suas motivações políticas, o negacionismo deve ser analisado em pelo menos três planos distintos e complementares:

– em primeiríssimo plano, como expressão – a mais recente – do ideário político anti-semita cultivado pela direita radical europeia desde o final do século passado;

– em segundo plano, como instrumento, não o único obviamente, de uma intensa ofensiva ideológica que visa a habilitar o fascismo como alternativa política para a solução de problemas estruturais das democracias consideradas estáveis na Europa do Pós-Guerra²¹.

O mesmo ocorre quando observamos argumentos que fazem comparações entre o regime soviético stalinista e o nazista ou entre o chamado Holodomor (a grande fome ocorrida na Ucrânia entre 1932 e 1933) e o genocídio judaico, por exemplo. Ao desconsiderar as particularidades de cada momento histórico, bem como as finalidades de cada regime, acaba-se por gerar um paralelo absurdo entre acontecimentos extremamente diversos, acarretando uma mensagem de que, na realidade, tudo é possível.

Chega-se até ao absurdo do Projeto de Lei n. 5.358/2016, do deputado federal Eduardo Bolsonaro, no sentido de criminalizar o comunismo no Brasil:

Art. 1º Fica alterada a redação da Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989, e da Lei n. 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo.

Art. 2º A Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com as seguintes alterações em seus artigos 1º e 20, caput e § 1º, nos seguintes termos:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou de fomento ao embate de classes sociais.
(NR) [...]”

culpa-dos-dois-lados-diz-trump-sobre-violencia-em-charlottesville.ghtml. Acesso em: 20 ago. 2019.

²¹ MILMAN, Luis. Negacionismo: gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual disponível em: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap9.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.

Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou fomentar o embate de classes sociais. (NR)

§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, a foice e o martelo ou quaisquer outros meios para fins de divulgação favorável ao nazismo ou ao comunismo. (NR) ²²

Equipara-se a discriminação com a luta de classes e a suástica com a foice e o martelo, como se existisse um possível paralelo entre o nazismo e o comunismo. Na exposição de motivos, essa ligação é estabelecida mais claramente quando o deputado coloca que:

É hora de dar um basta. O Comunismo é tão nefasto quanto o Nazismo e, se já reconhecemos em nosso ordenamento jurídico a objeção ao segundo, devemos também fazê-lo em relação ao primeiro²³.

Em uma simples busca na internet, encontramos diversos *sites* que fazem a mesma relação, alegando que se a apologia ao nazismo é crime no Brasil o mesmo deveria acontecer em relação ao comunismo. Infere-se que esse argumento poderia ser adotado com facilidade por um neonazista em sua defesa diante de uma acusação criminal. Ou seja, ao invés de simplesmente relegar o comunismo a uma posição marginal, isso acabaria por normalizar o nazismo e justificar a ação de neonazistas.

²² BOLSONARO, Eduardo. *Projeto de Lei n. 5.358/2016*. Altera a redação da Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei n. 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=75E66E29DA4D3856AEB82A937FE2890F.proposicoesWebExterno2?codteor=1460579&filename=PL+5358/2016. Acesso em: 21 fev. 2020.

²³ BOLSONARO, Eduardo. *Projeto de Lei n. 5.358/2016*. Altera a redação da Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei n. 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=75E66E29DA4D3856AEB82A937FE2890F.proposicoesWebExterno2?codteor=1460579&filename=PL+5358/2016. Acesso em: 21 fev. 2020.

Considerações finais

A História sempre foi um campo de disputa. Desde a História tradicional, que embelezava "os feitos dos grandes homens", relegando uma grande massa de pessoas ao anonimato e à invisibilidade e até disseminando versões fantasiosas que apagavam momentos de extrema violência, como a chegada dos europeus às Américas. Talvez nas últimas décadas nós, os historiadores, tenhamos pensado que nos encontrávamos em um momento de extrema paz, no qual os debates acadêmicos seriam realizados em alto grau, racionalmente, e que muitos fatos já eram aceitos sem sombra de dúvida.

Ocorre que, mais uma vez, a História vem sendo utilizada com fins nefastos, sofrendo ataques, revisões e negações, além do amplo uso de dados e afirmações falsas, que servem de sustentáculo para que ações esdrúxulas sejam levadas a cabo.

Neste artigo, demonstramos como determinados discursos podem ser adotados para normalizar uma das ideias mais tenebrosas da contemporaneidade: o nazismo. Não se trata de uma apologia ao nazismo, mas de abrir as portas para que as pessoas se sintam à vontade diante de uma ideologia que pregava a superioridade racial e o extermínio daqueles considerados inferiores. Ao mesmo tempo, tenta-se colocar pensamentos tidos como impróprios, advindos de ideologias "inimigas", ao lado do mal absoluto representado pelo nazismo, tornando ambos patológicos – o uso corriqueiro do termo "esquerdopatia", em que o sufixo "-patia" se refere a uma "doença", exemplifica isso.

Tais discursos coadunam com a estratégia exposta inicialmente, ligada à metapolítica. Ideias são jogadas, especialmente nas redes sociais, espalhadas e ingressam no debate com o intuito de ser legitimadas no campo da ideologia. Mesmo parecendo ser um pensamento vazio, errôneo e raso, a questão é que ele, de alguma forma, acaba por ecoar nos altos escalões da

política, podendo levar até à adoção de uma política de Estado. Não se trata de um fenômeno exclusivamente nacional, uma vez que ocorrem casos semelhantes nos EUA, na França, na Alemanha, na Hungria e na Rússia.

Assim, a História, tanto como disciplina nos currículos escolares quanto como área do conhecimento, encontra-se em risco de ser continuamente revisada para servir a interesses políticos, de ver-se reduzida a uma questão de opinião e de ser devassada por uma onda reacionária sem qualquer critério científico ou o compromisso com uma suposta “verdade”.

Nosso papel, como historiadores, é proteger a História, inserindo-nos no debate público e lutando incansavelmente para que determinadas questões permaneçam na lata de lixo da humanidade. Diante disso, seja dentro das universidades, nas salas de aula, em eventos, nas redes sociais e na mídia tradicional, devemos cumprir um papel incessante de divulgar o conhecimento científico, expondo as mentiras que são disseminadas e demonstrando que o saber acadêmico é relevante, acessível e não se restringe às faculdades de História. Devemos dizer não ao nazismo, aos falsos paralelos e ao mau uso da História e colocar nosso conhecimento onde ele (também) deve estar: nas ruas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ernesto. *Pela aliança liberal-conservadora*. 2019. Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/blog/pela-aliança-liberal-conservadora>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- BEL, Germà. *Against the mainstream: Nazi privatization in 1930s Germany*. *The Economic History Review*, London, v. 63, n. 1, p. 34-55, 2010.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília, DF: Ed. UnB, 1998.
- BOLSONARO, Eduardo. Projeto de Lei n. 5.358/2016. Altera a redação da Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei n. 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=75E66E29DA4D3856AEB82A937FE2890F.proposicoesWebExterno2?codteor=1460579&filenome=PL+5358/2016. Acesso em: 21 fev. 2020.

- CAMUS, Jean-Yves. Alain de Benoist and the new right. In: SEDGWICK, Mark (Org.). *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 79- 90.
- CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO, E. G. (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. x-y.
- DEUTSCHE WELLE. *Brasileiros criam debate que não existe na Alemanha*. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-criam-debate-que-nao-existe-na-alemanha/a-45531446>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- GÓMEZ, Sergio Alejandro. *Communist Party membership numbers climbing in the Trump era*. 2017. Disponível em: <https://www.peoplesworld.org/article/communist-party-membership-numbers-climbing-in-the-trump-era/>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. Disponível em: <http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/08/Adolf-Hitler-Mein-Kampf-PT.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MILMAN, Luis. *Negacionismo: gênese e desenvolvimento do extermínio conceitual*. Disponível em: <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap9.html>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO – G1. “Há culpa dos dois lados”, diz Trump sobre violência em Charlottesville. 15 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/ha-culpa-dos-dois-lados-diz-trump-sobre-violencia-em-charlottesville.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- QUERO, Caio. *Nazismo é de direita, define Museu do Holocausto visitado por Bolsonaro em Israel*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47784368>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- SEDGWICK, Mark (Org.). *Key thinkers of the radical right: behind the new threat to liberal democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- SHIRER, William L. *The rise and fall of the Third Reich: a history of Nazi Germany*. New York: Simon & Schuster, 1990.
- SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. *The year in hate: rage against change*. Disponível em: <https://www.splcenter.org/fighting-hate/intelligence-report/2019/year-hate-rage-against-change>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- WEINTRAUB, Abraham. Abraham Weintraub – Morning Show – 01/08/19. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MU887DkFIXE>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- WEINTRAUB, Abraham. [S.l.], 3 ago. 2019b. Twitter: @AbrahamWeint. Disponível em: <https://twitter.com/abrahamweint/status/1157728768364097536>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- WEINTRAUB, Abraham. [S.l.], 3 ago. 2019c. Twitter: @AbrahamWeint. Disponível em: <https://twitter.com/abrahamweint/status/1157738272824733696>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Artigo recebido em 04/09/2019 e aprovado em 06/11/2019.